

## FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.  
Al. Barão de Limeira, 425, Campos Elísios, CEP 01202-900, São Paulo, SP

Presidente: LUIZ FRIAS

Diretor Editorial: OTAVIO FRIAS FILHO

Superintendentes: ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MEDEIROS E JUDITH BRITO

Editora executiva: ELIZABETH DE LUCENA

Conselho Editorial: ROGÉRIO CÍZAR DE CARQUEIRA LEITE, MARCELO COLLILO, JAMIRO DE FREITAS, GILBERTO DRUMONDY, CLÓVIS ROSSI, CARLOS HEITOR CONY, CELSO PINTO, ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MEDEIROS, LUIZ FRIAS E OTAVIO FRIAS FILHO (secretário)

Diretoria executiva: ANTONIO CARLOS DE MOURA (comercial), ADALBERTO FERNANDES (industrial/tecnologia), MURILLO BOSSAI (circulação), MARCELO MACHADO GONÇALVES (financeiro) E MIGUEL LONGO JUNIOR (planejamento)

## Editoriais

editoriais@uol.com.br

## Fome de investimento

**Resgate da dívida social em prazo aceitável exige do Estado bem mais que vistosos programas de cunho assistencialista**

O PROGRAMA Fome Zero, peça de resistência da propaganda do primeiro período Lula na Presidência, completa sete anos como mero apêndice do Bolsa Família, verdadeiro carro-chefe do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

O saldo dos seis primeiros anos do Fome Zero são 129 restaurantes populares construídos. Em contraste, 12,4 milhões de famílias já recebiam no final de 2009 de R\$ 22 a R\$ 200, a renda complementar que substituiu cartões para compra de alimentos.

O foco em segurança alimentar, um problema localizado, como base para eliminação da pobreza foi abandonado, corretamente. Os méritos do Bolsa Família, por sua vez, já cedem lugar ao reconhecimento crescente de suas limitações. Muito dos avanços sociais que a ele se atribuem resultam de um processo mais longo de desenvolvimento, com efeitos cumulativos.

Tome-se o acesso dos 25% mais pobres da população à rede de esgotos ou a fossas sanitárias: passou de 32,3% em 1996 para 41,1% em 2002, no final do período FHC, e para 52,4% em 2008, sob Lula — portanto, com taxas similares de melhoria. A viral

universalização do ensino fundamental, com 97% das crianças na escola, data de 2003.

Algumas das raízes desse progresso linear se encontram no ciclo econômico, que remonta à abertura da economia brasileira e ao controle da inflação, nos anos 1990. Outras, na Constituição de 1988, com a generalização da aposentadoria rural e da saúde básica. Outras, ainda, na demografia, com a acentuada redução da fecundidade a partir da década de 1960.

Reconhecer aqueles avanços é muito diverso, contudo, de concluir que tudo esteja resolvido ou bem encaminhado no campo social. De um lado, a universalização do ensino e do atendimento à saúde convive com sua má qualidade. De outro, é vergonhosamente lento o ritmo de melhoria nos indicadores sociais que dependem de investimento em infraestrutura.

Nenhum governo pode vangloriar-se por ter quase a metade da população pobre desconectada de esgotamento sanitário adequado. No Brasil, estima-se que de 6 milhões a 8 milhões de famílias ainda carecem de habitações apropriadas. São cifras de país subdesenvolvido — e injusto.

Só com programas assistencialistas, sejam eles criados por Lula ou FHC, o Brasil não resgatará essa dívida. Para isso, o Estado tem de recompor a capacidade de investir — com recursos e melhor gestão — e de eliminar os entraves para que o setor privado assumira parte maior no esforço.

## Malabarismo chavista

NA ÚLTIMA sexta-feira, o governo da Venezuela se viu obrigado a abandonar, de forma parcial, a política que mantinha a moeda local artificialmente valorizada. Há anos perdurava a disparidade entre a cotação oficial do dólar — fixada desde 2005 em 2,15 bolívares — e o câmbio paralelo, que podia chegar a 7 bolívares por unidade da moeda americana.

Em um país onde a maior parte dos produtos de consumo é importada, tal discrepância elevava o poder aquisitivo da população. O custo era arcado pelo governo e por sua estatal petrolífera, a PDVSA. Ambos tinham reduzi-las em suas receitas advindas da exportação do principal produto venezuelano, o petróleo.

Enquanto o preço do barril em dólares subia, o que ocorreu até meados de 2008, a defasagem cambial podia ser financiada sem maior sacrifício. Mas a crise mundial deflagrou uma violenta derrocada na cotação da commodity que ajuda a sustentar Hugo Chávez no poder: de um pico de US\$ 147, em julho de 2008, aproximou-se dos US\$ 30 cinco meses depois, tendo voltado, hoje, ao patamar de US\$ 80.

A política populista de Chávez na economia, no entanto, não foi abandonada. Com eleições legislativas marcadas para setembro, o presidente venezuelano determinou a criação de duas taxas de câmbio distintas. Para produtos de necessidade básica — como remédios e alimentos —, o bolívar será desvalorizado em cerca de 20%. Para os demais, a correção cambial foi de 100%.

A história latino-americana está repleta desses malabarismos cambiais, atos de desespero diante de uma crise externa que se insinua. A reação dos venezuelanos à máxime valorização — de correr às compras antes que os itens importados saltem de preço — também é um clássico do gênero. O resultado provável será um surto inflacionário, num país que já fechou 2009 com alta de 25% no custo de vida.

A incúria e a demagogia na gestão de economias rudimentares, dependentes de um só produto de exportação, levam a episódios dramáticos como o que vive a Venezuela. Diante da aguda escassez de divisas, a prestidigitação cambial chavista pretende esconder dos venezuelanos — pelo tempo que for possível — a mensagem de que o país empobreceu.



FERNANDO DE BARROS E SILVA

## Um retrato do lulismo

SÃO PAULO - No ano de 2000, a expressão "lulismo" não apareceu nenhuma vez nas páginas da **Folha**. Em 2009, foi escrita 65 vezes. Quando Lula se elegeu, em 2002, houve quatro menções a "lulismo" no jornal, em 2006, ano da reeleição, a palavra foi repetida 55 vezes.

Isso dá uma medida de como o lulismo é recente, embora nos pareça tão familiar. A compreensão do fenômeno está só no começo. É preciso, também por isso, o artigo "Raízes Sociais e Ideológicas do Lulismo", que o cientista político André Singer acaba de publicar na revista "Novos Estudos", do Cebrap. Quem fala nesse ensaio acadêmico é o professor da USP, não o porta-voz de Lula no primeiro mandato.

Entre 2002 e 2006, a base social que elegeu Lula mudou. Ele perdeu apoio nas camadas médias, mais instruídas e politizadas (redução tradicional do PT), e conquistou, de maneira inédita, o voto maciço do povo, que Singer chama de "subproletariado": aquela fração numerosa e desorganizada de trabalhadores de "baixíssima renda".

Enquanto os atores políticos se ocupavam dos meandros do mensalão, o governo produzia em silêncio o "Real do Lula", responsável por reduzir em quase 20% o número de pessoas abaixo da linha da pobreza entre 2003-05, diz o autor.

Aqui entra a combinação de ideias que amarra o artigo: a massa que está na origem do lulismo desce a um Estado forte para combater as desigualdades, mas não tolera ameaça à ordem estabelecida. Ela é conservadora. Se houve uma "desconexão das bases sociais do petismo e do lulismo", diz Singer, também é certo que Lula, ao insistir na estabilidade econômica, "tirou a plataforma a partir da qual o centro mobilizava os mais pobres".

O lulismo, diz o autor, "uniu bandeiras que pareciam não combinar" ao "combater a desigualdade dentro da ordem". E Lula, por sua vez, alcançou uma "autonomia bonapartista" à medida que passou a ser sustentado pela base subproletária.

Não foi à toa que o governo começou a cunhar símbolos dos anos 50. O populismo voltou ao debate.

ELIANE CANTANHÊDE

## PT e PSDB no mesmo time

BRASÍLIA - Engratados esses tucanos. Combinaram assistir de camarote a toda a agonia do governo Lula em torno do 3º Plano Nacional de Direitos Humanos, como se possível fosse. Não é, não, senhores.

Os tucanos não estão e não podem estar no camarote, nem na arquibancada, confortáveis, à distância. Eles estão em campo desde muito tempo nessa área, pelejando junto com os petistas. Antes, nos governos FHC; agora, nos governos Lula.

Mais partidários da causa dos direitos humanos do que propriamente do PSDB ou do PT, ex e atuais ministros dessa área concordam: o plano é o campo corrido de reatamento, indo de uma mão para o outro, do plano um para o plano dois, até chegar ao plano três, filho do casamento tucanos-petistas.

"Com toda essa polarização entre os governos Lula e FHC, se há uma área em que há absoluta continuidade é justamente essa, a dos direitos humanos. São 16 anos de continuidade, desde FHC, sem parti-

dosismos", me disse Paulo Vanuchi, o homem dos direitos humanos de Lula, principal responsável pelo terceiro plano e coberto de razão.

O plano é a "Geni" do momento, apanhando de militares, ruralistas, Igreja Católica e entidades de comunicação, uns com mais e outros com menos razão, mas todos no legítimo direito de se espelhar.

Suscetível a pressões, especialmente em ano de eleição, Lula promove a revisão do decreto pensando no melhor equilíbrio para não perder a esquerda que lidera os direitos humanos nem o poderoso eleitorado militar (que ficou à míngua nos anos tucanos e detesta FHC); os movimentos de mulheres nem a velha aliada Igreja Católica; agricultores nem o agronegócio.

Mas, depois do decreto, vêm os projetos de lei. Que vão cair onde? No Congresso, onde, de Serra, de Dilma, uma aposte é certa: PT e PSDB estarão em campo defendendo o plano e seus desdobramentos. Sem camarotes.

elianeac@uol.com.br

CARLOS HEITOR CONY

## Distorção profissional

RIO DE JANEIRO - Acompanho com algum interesse a crise aberta dentro do governo a respeito da Lei da Anistia. As posições estão definidas, o único indefinido até agora é o presidente da República. Nos tempos do velho PT, embora com poder decisório, ele mantinha suas hesitações para ganhar tempo e manter o partido em redas curtas.

Destá vez, não se trata de um partido cuja hegemonia precisa ser mantida. É mais do que um Estado: é uma nação.

Um ponto parece pacífico: o Estado, do bem da nação, precisa abrir os porões do regime militar de 1964 a 1985. Não se trata de punir indivíduos, de saber a identidade e o CPF dos assassinos de Vladimir Herzog e de tantos outros, os que montaram a farsa de seu suicídio e de centenas de outros que estão desaparecidos ou oficialmente mortos.

Os militares que deram o golpe e mantiveram a ditadura são os prin-

cipais responsáveis pelo que se convencionou chamar de "regime de exceção". Foram eles que tomaram o Estado por meio da força e mantiveram a nação refém do arbítrio e da repressão. Precisamos saber como uma classe, destinada pela Constituição a defender a nação, decide empolgar o Estado e fazer dele o carasso da sociedade.

Que venha a verdade, que ela seja ensinada nos currículos das escolas militares, mostrando que nem sempre o Estado é o defensor da nação, mas seu servo incondicional.

Vivemos um tempo em que se tornou banal o pedido de desculpas públicas. A igreja o fez, a propósito da Inquisição e de Galileu. Agora mesmo o governador do DF pediu desculpas pelo seu delito pessoal. A melhor forma de os militares pedirem perdão à sociedade é admitir os erros do passado e garantirem que a distorção profissional não mais se repeta.

MARCOS NOBRE

## Crise em 3D

O MAIS SURPREENDENTE no filme tecnicamente mais avançado do ano é que quase tudo nele é obsoleto. Para resumir em uma frase, "Avatar" é um filme pré-Obama. Seu roteiro é da década de 1990. Suas duas únicas "atualizações" são as referências implícitas aos atentados de 11 de setembro de 2001 e à invasão do Iraque em 2003. Até o título é caduco. Avatar no sentido de uma representação no mundo virtual é uma ferramenta de meados dos anos 1990 que simplesmente não pegou.

Não que esse roteiro mofado esteja desconectado da nova tecnologia, pelo contrário. O lado do bem é colorido, orgânico, vivo e explora em toda a profundidade a nova técnica em três dimensões. O lado do mal vem em tons de cinza, é mecânico, frio e quase bidimensional. E não há deslumbramento técnico que salve esse primarismo do roteiro ao qual serve.

Uma interpretação benevolente diria que, com o 3D, o cinema finalmente resolveu ir ao encontro do que as artes visuais já fazem há muito tempo com instalações e performances. Pode ser, desde que se entenda por isso a maneira mais convencional possível, mesmo dentro dos limites de Hollywood.

Porque é assim que "Avatar" realiza a profecia de "Matrix", segundo a qual o naturalismo hollywoodiano deveria ser entendido a partir dali como hiper-realidade. E, como "Matrix", "Avatar" também vem acompanhado de um misticismo peculiar. Que também fletou com o próprio cinema lá nos seus primórdios, diga-se de passagem. Parece mesmo que o diretor James Cameron acredita estar produzindo um renascimento da sétima arte.

Megalomania e velharias à parte, o que está em jogo a partir de agora é saber se o 3D vai ou não conseguir produzir uma nova percepção, se vai pagar. A ruína do filme não traz bons presságios nesse sentido. Mas, ao contrário de tentativas de inovação técnica anteriores, "Avatar" será seguido por uma avalanche de filmes 3D já finalizados ou quase.

A indústria cultural como um todo pode estar sendo redirecionada. E, pelo menos temporariamente, o 3D pode ser uma fonte de receita alternativa diante do compartilhamento gratuito de filmes pela internet e da venda de cópias não autorizadas. Oferece um produto convencional em vídeo e uma nova experiência sensorial capaz de voltar a turbinar as bilheterias de cinema.

Mas a ideia é fazer o formato chegar às casas. O problema é que "Avatar" não é apenas pré-Obama. É também um projeto pré-crise econômica de 2008. E, sem o consumidor americano, é difícil imaginar como uma percepção nova vai conseguir se estabelecer na praça.

nobre.a2@uol.com.br

MARCOS NOBRE escreveu as últimas frases nesta coluna.

FRASES

O DIREITO  
O país não tem o direito de saber toda a história sobre Rubens Paiva, Vladimir Herzog, Honestino Guimarães? Sem isso, como é possível virar a página?

PAULOVANUCHI ministro de Direitos Humanos, ontem na Folha.

CRESCIMENTO  
O crescimento recente [a partir de 2000] voltou a gerar empregos aos segmentos pouco qualificados, o que foi mais importante que o Bolsa Família para explicar a melhora da distribuição de renda

CLAUDIO SALM doutor em economia pela Unicap, autor de estudo baseado em dados do IBGE desde 1996, ontem na Folha.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.